

REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

CICLOS ECONÔMICOS E O AGRONEGÓCIO: DO BRASIL COLONIAL À ECONOMIA CONTEMPORÂNEA

ECONOMIC CYCLES AND AGRICULTURE: FROM COLONIAL BRAZIL TO CONTEMPORARY ECONOMY

CICLOS ECONÓMICOS Y AGRONEGÓCIO: DEL BRASIL COLONIAL A ECONOMIA CONTEMPORÁNEA

Isabel Moreira Rodrigues Getulio[1], Iveline Silva Dutra[2]

e511283
https://doi.org/10.63026/acertte.v5i11.283

PUBLICADO: 11/2025

RESUMO

Este artigo analisa a evolução do agronegócio brasileiro desde os ciclos econômicos coloniais até sua consolidação como um dos setores mais dinâmicos da economia contemporânea. Partindo de uma abordagem bibliográfica e apoiado em dados recentes de instituições como CNA, Cepea e Insper, o estudo discute a influência histórica de ciclos produtivos como açúcar, ouro, borracha e café na formação econômica do país, evidenciando como esses períodos sucessivos moldaram estruturas produtivas, padrões de ocupação territorial e relações de dependência externa que ainda repercutem no setor. Além disso, examina os principais indicadores atuais do agronegócio, incluindo PIB, balança comercial, emprego e inflação, demonstrando sua contribuição decisiva para o desempenho econômico nacional. A análise revela que, embora altamente tecnológico, eficiente e responsável por quase metade das exportações brasileiras, o agronegócio enfrenta desafios estruturais persistentes. Entre eles, destacam-se limitações logísticas, dependência de insumos importados, custos de produção elevados, impactos climáticos crescentes, volatilidade das commodities e pressões regulatórias internacionais cada vez mais rigorosas. O estudo conclui que o setor mantém relevância estratégica para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, mas seu avanço futuro depende da implementação de políticas integradas que ampliem competitividade, promovam sustentabilidade ambiental e estimulem maior capacidade de inovação e geração de valor.

Palavras-chave: Agronegócio. Ciclos econômicos. Economia brasileira. Macroeconomia. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article analyzes the evolution of Brazilian agribusiness from the colonial economic cycles to its consolidation as one of the most dynamic and influential sectors of the contemporary national economy. Based on a bibliographic approach and supported by recent data from institutions such as CNA, Cepea, and Insper, the study examines how historical cycles, such as sugar, gold, rubber, and coffee, shaped Brazil's economic structure and contributed to long-lasting patterns of specialization, dependence, and regional inequality. In addition, the research evaluates current macroeconomic indicators of the agribusiness sector, including GDP contribution, trade balance, employment generation, and its effects on inflation dynamics. The findings reveal that, although agribusiness is highly technological, globally competitive, and essential for national development, it continues to face significant structural challenges. These include limitations in logistics and infrastructure, dependence on imported inputs, high production costs, climate-related risks, commodity price volatility, and increasing pressure from international regulatory frameworks. The study concludes that Brazilian agribusiness remains

[1] Graduanda em Ciências Econômicas pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, da Universidade Federal de São Paulo.
[2] Graduanda em Ciências Econômicas pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, da Universidade Federal de São Paulo.

©2025. Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

fundamental to economic growth and food security, but its future advancement will depend on integrated public policies capable of strengthening competitiveness, promoting environmental sustainability, and expanding the sector's capacity for innovation and value creation.

Keywords: *Agribusiness. Economic cycles. Brazilian economy. Macroeconomics. Development.*

RESUMEN
Este artículo analiza la evolución del agronegocio brasileño desde los ciclos económicos coloniales hasta su consolidación como uno de los sectores más dinámicos de la economía contemporánea. A partir de un enfoque bibliográfico y sustentado en datos recientes de instituciones como la CNA, Cepea e Insper, el estudio examina cómo ciclos históricos, como el del azúcar, el oro, el caucho y el café, configuraron la estructura económica del país y generaron patrones persistentes de especialización, dependencia y desigualdad regional. Asimismo, la investigación evalúa los principales indicadores macroeconómicos del agronegocio, incluyendo su contribución al PIB, la balanza comercial, la generación de empleo y los efectos del sector sobre la inflación. Los resultados muestran que, aunque el agronegocio es altamente tecnológico, competitivo a nivel global y fundamental para el desarrollo nacional, todavía enfrenta importantes desafíos estructurales. Entre ellos se destacan las deficiencias en infraestructura y logística, la dependencia de insumos importados, los elevados costos de producción, los riesgos climáticos, la volatilidad de las commodities y la creciente presión de regulaciones internacionales. El estudio concluye que el agronegocio brasileño mantiene gran relevancia económica, pero su avance futuro dependerá de políticas integradas que fortalezcan la competitividad, promuevan la sostenibilidad y amplíen la capacidad de innovación y generación de valor.

PALABRAS CLAVE: *Agronegocio. Ciclos económicos. Economía brasileña. Macroeconomía. Desarrollo.*

1 INTRODUÇÃO

A trajetória econômica do Brasil foi historicamente estruturada por ciclos produtivos baseados na exploração de recursos naturais e na exportação de commodities agrícolas. Desde o período colonial, o agronegócio desempenhou papel central na formação social e territorial do país, influenciando a organização do trabalho, a distribuição de renda e o padrão de integração ao mercado internacional. Mesmo com as transformações ocorridas ao longo dos séculos, esse setor mantém destaque na economia contemporânea, sendo responsável por aproximadamente 25% do Produto Interno Bruto e por quase metade das exportações nacionais, o que evidencia sua relevância estratégica para o desenvolvimento econômico.

Essa permanência de uma lógica produtiva voltada ao mercado externo remete às origens da economia colonial, marcada por ciclos como pau-brasil, açúcar, ouro e café. Cada ciclo deixou marcas profundas na estrutura produtiva e nas relações de trabalho, contribuindo para a formação de um modelo econômico dependente de commodities e sensível às oscilações internacionais. Compreender essa herança histórica é essencial para analisar o agronegócio brasileiro atual, pois muitos dos desafios enfrentados hoje, como vulnerabilidade climática, dependência tecnológica e concentração fundiária, têm raízes nesses processos de longa duração.

Nesse sentido, examinar a relação entre passado e presente permite interpretar com maior precisão como o setor se consolidou como um dos pilares da economia nacional e como influencia variáveis macroeconômicas fundamentais, incluindo inflação, emprego, balança comercial e

investimentos. A partir de autores clássicos, como Celso Furtado, e de dados recentes de instituições como CNA, Cepea e Insper, é possível observar uma continuidade estrutural entre os ciclos históricos e o agronegócio contemporâneo, ao mesmo tempo em que emergem novas dinâmicas associadas à tecnologia, sustentabilidade e competitividade global.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a evolução do agronegócio brasileiro, articulando os ciclos econômicos históricos com os principais indicadores atuais do setor e discutindo seus desafios estruturais. A metodologia adotada é de caráter exploratório e bibliográfico, buscando interpretar como a formação econômica do Brasil influencia o desempenho recente do agronegócio e seus impactos sobre a economia contemporânea.

2 CICLOS ECONÔMICOS NA FORMAÇÃO DO BRASIL COLONIAL

A economia colonial brasileira foi organizada em ciclos produtivos sucessivos, caracterizados pela dependência estrutural do mercado externo e pela exploração de bens primários. Esses ciclos, como pau-brasil, açúcar, ouro, café e borracha, este último já no período republicano, moldaram profundamente a formação econômica e social do país. Cada fase produtiva impôs formas específicas de ocupação territorial, organização do trabalho e integração às redes internacionais de comércio, contribuindo para um modelo econômico pouco diversificado e dependente.

Segundo Furtado (2005), esses ciclos se estruturavam de maneira repetitiva: produção em larga escala, mão de obra explorada, financiamento e tecnologia provenientes de centros hegemônicos externos e ausência de políticas voltadas à diversificação ou ao desenvolvimento autônomo. Essa lógica produtiva gerou uma economia voltada essencialmente para atender às demandas europeias, limitando a formação de um mercado interno robusto e deixando marcas que ainda influenciam a dinâmica econômica brasileira. De acordo com De Liberal (2025), a herança do pensamento de Celso Furtado revela como o modelo de desenvolvimento brasileiro tem sido marcado por desigualdades estruturais, pela dependência externa e por uma industrialização desigual, aspectos que ainda influenciam profundamente o agronegócio contemporâneo.

O ciclo do açúcar foi um dos primeiros e mais expressivos na consolidação da colonização portuguesa, iniciando-se no século XVI. A produção concentrada no Nordeste, especialmente em Pernambuco e Bahia, utilizava mão de obra escravizada e vastos latifúndios. A instalação dos engenhos dependia fortemente de capital estrangeiro, frequentemente obtido junto a banqueiros holandeses. A invasão holandesa do século XVII trouxe avanços técnicos e organizacionais, mas a posterior concorrência caribenha enfraqueceu a posição brasileira no mercado internacional, levando o açúcar a perder protagonismo com a ascensão do ciclo do ouro.

O ciclo do ouro, a partir do final do século XVII, deslocou o eixo econômico para o interior, especialmente para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Esse ciclo promoveu intensa migração, urbanização e maior integração do território, além de elevar a arrecadação da Coroa portuguesa. Contudo, a atividade era altamente volátil e dependente de reservas naturais finitas, levando ao declínio já no final do século XVIII. Mais tarde, já no final do século XIX, o ciclo da borracha impulsionou

o desenvolvimento da região amazônica graças à demanda internacional pelo látex. Embora tenha gerado riqueza rápida, sua sustentação foi prejudicada pela competição asiática após o contrabando de sementes da seringueira, resultando em colapso econômico e deixando a Amazônia vulnerável à estagnação produtiva por décadas.

Já o ciclo do café, entre o século XIX e início do XX, teve papel determinante na formação do Brasil moderno, impulsionando profundas transformações econômicas e sociais. Concentrada no Sudeste, sobretudo no Vale do Paraíba e no Oeste Paulista, a cafeicultura estimulou o desenvolvimento de ferrovias, urbanização, imigração europeia e a consolidação de uma elite agrária conhecida como “barões do café”. Seu peso político foi significativo, culminando na chamada “República do Café com Leite”. O declínio do ciclo ocorreu com a Grande Depressão de 1929 e a mudança de foco para a industrialização, mas suas marcas permaneceram, como a concentração de renda, desigualdade regional e forte influência econômica do setor sobre decisões estatais.

3 A INDUSTRIALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO SETOR

A industrialização brasileira, especialmente a partir da década de 1930, transformou profundamente a dinâmica agrícola ao alterar prioridades econômicas, padrões de consumo e fluxos migratórios. Com o avanço das políticas voltadas à substituição de importações e ao fortalecimento do parque industrial urbano, o campo passou a desempenhar um papel secundário nas estratégias de desenvolvimento nacional, o que modificou de maneira estrutural a relação entre agricultura e indústria.

Um dos efeitos mais marcantes desse processo foi o intenso movimento migratório para os centros urbanos, motivado pela oferta de emprego industrial e pelas mudanças nas condições de vida no campo. O crescimento populacional nas cidades ampliou significativamente a demanda por alimentos, mas a produção agrícola interna não acompanhou esse ritmo. Grande parte dos latifúndios permanecia voltada à exportação, mantendo uma estrutura produtiva pouco diversificada, o que resultou no aumento das importações de alimentos e evidenciou a ausência de políticas que estimulassem a modernização e a produtividade do setor agrícola.

Ao mesmo tempo, durante décadas, o Estado brasileiro concentrou seus investimentos na indústria urbana, relegando o setor agrícola a baixos níveis de apoio tecnológico, de crédito e de infraestrutura. Essa assimetria reduziu a competitividade da agricultura voltada para o mercado interno e acentuou disparidades regionais. Regiões dependentes de economias tradicionais, como o Nordeste açucareiro, permaneceram à margem do processo de modernização, enfrentando problemas estruturais como baixa mecanização, escassez de recursos e vulnerabilidade climática.

Esses fatores, combinados, contribuíram para a formação de um cenário em que o agronegócio enfrentava dificuldades em suprir o mercado doméstico ao mesmo tempo em que permanecia essencial para a balança comercial. A industrialização, embora tenha impulsionado o crescimento econômico do país, deixou como legado importantes desafios para o setor agrícola, que precisou se reinventar nas décadas seguintes para alcançar maior eficiência, tecnificação e integração às novas demandas da economia nacional.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

4 ANÁLISE MACROECONÔMICA DO AGRONEGÓCIO

O agronegócio manteve papel decisivo no desempenho econômico brasileiro recentes, registrando crescimento de 1,81% em 2024 e alcançando R$ 2,72 trilhões em valor agregado. Embora sua participação proporcional no PIB total tenha apresentado leve redução, o setor permanece como um dos pilares estruturais da economia nacional, exercendo influência direta sobre indicadores de renda, investimentos e atividade produtiva em diversas regiões do país. Seu dinamismo contínuo reflete tanto a expansão das cadeias agroindustriais quanto a incorporação gradual de tecnologias e ganhos de produtividade. Segundo Boschiero (2025), os resultados de 2024 e as projeções para 2025 confirmam que o agronegócio mantém trajetória de expansão sustentada, mesmo diante da desaceleração global.

Essa relevância também se expressa na balança comercial, já que o agronegócio foi responsável por US$ 164,4 bilhões em exportações em 2024, o equivalente a 49% de todas as vendas externas brasileiras. Mesmo diante da queda no desempenho do complexo soja, tradicionalmente o principal componente das exportações agropecuárias, outros segmentos demonstraram forte capacidade de compensação, como carnes, café e produtos florestais. Essa diversificação parcial contribuiu para preservar o superávit comercial e reduzir a vulnerabilidade externa do país.

No entanto, o setor exerceu impacto significativo sobre a inflação de 2024, sobretudo devido à elevação dos preços de alimentos, que atingiram 7,69%, percentual superior ao IPCA acumulado de 4,83%. Esse comportamento inflacionário foi influenciado pela valorização do dólar, pelos efeitos do fenômeno El Niño sobre o clima e pela alta dos preços internacionais de commodities agrícolas, fatores que pressionaram custos e reduziram a oferta de diversos produtos no mercado doméstico. Assim, a dinâmica do agronegócio não se limita à geração de riqueza, mas afeta diretamente o poder de compra da população.

Diversos mecanismos explicam esse impacto inflacionário. A valorização das commodities no mercado internacional tende a deslocar parte da produção brasileira para a exportação, reduzindo a oferta interna e elevando preços. Condições climáticas adversas diminuem a produtividade e a disponibilidade de alimentos, enquanto o dólar elevado encarece insumos importados essenciais, como fertilizantes e defensivos, repassando custos ao consumidor final. Somados, esses fatores fizeram com que segmentos como carnes, lácteos e café respondessem por cerca de 90% da inflação alimentar observada no período, demonstrando a sensibilidade do mercado interno às oscilações das cadeias agropecuárias.

No mercado de trabalho, o agronegócio manteve desempenho expressivo ao empregar 28,6 milhões de trabalhadores em 2024, correspondendo a 26,5% das ocupações do país. O crescimento foi particularmente robusto em atividades de agroindústria e agrosserviços, segmentos diretamente associados à modernização, à ampliação das cadeias de valor e ao aumento da complexidade produtiva. Em contrapartida, a agropecuária tradicional apresentou leve retração, refletindo tanto avanços tecnológicos que reduziram a necessidade de mão de obra quanto desafios climáticos e logísticos que afetaram a produtividade em determinadas regiões.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

5 PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

De acordo com análise do Cenário Rural (2025), os maiores entraves à competitividade do agronegócio brasileiro em 2025 estão diretamente associados a falhas logísticas, custos operacionais elevados e crescente pressão regulatória internacional.

O agronegócio brasileiro enfrenta um conjunto de desafios estruturais que comprometem sua competitividade e a capacidade de manter crescimento sustentável. Entre os principais entraves, destaca-se a precariedade da infraestrutura e da logística, marcada por armazéns insuficientes, estradas deterioradas, gargalos em portos e forte dependência do transporte rodoviário, o que encarece o escoamento da produção e limita o alcance do setor nos mercados internacionais. Somado a isso, a elevada dependência de insumos importados, como fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas, torna o setor vulnerável às oscilações cambiais, levando o dólar alto a pressionar custos e afetar sobretudo pequenos e médios produtores.

Outro obstáculo relevante é o acesso limitado ao crédito rural, agravado pelos juros elevados decorrentes da taxa Selic, que encarecem financiamentos e dificultam a modernização tecnológica das propriedades. Ao mesmo tempo, barreiras externas vêm ganhando força, como regulamentações ambientais de mercados compradores, a exemplo da EUDR (União Europeia), que impõem exigências rigorosas de rastreabilidade e restrições a áreas associadas ao desmatamento, criando riscos comerciais para importantes cadeias produtivas brasileiras.

Os impactos climáticos também constituem um ponto crítico, uma vez que eventos extremos, secas prolongadas, ondas de calor, enchentes e irregularidades de chuva, afetam diretamente a produtividade agrícola e ampliam os riscos econômicos para produtores. Esses fatores climáticos se somam à volatilidade das commodities, marcada por oscilações nos preços internacionais e pelo comportamento cambial, dificultando o planejamento e a previsibilidade da renda no setor. A essa conjuntura soma-se ainda a insuficiência do seguro rural, cujo orçamento do Programa de Subvenção ao Prêmio (PSR) não acompanha a crescente demanda dos produtores, deixando uma parte significativa do setor desprotegida diante de perdas climáticas.

Por fim, as pressões fiscais e inflacionárias também pesam sobre o agronegócio, já que o aumento contínuo dos custos de produção, especialmente de energia, combustíveis, insumos e transporte, repercute em toda a cadeia produtiva. Esses fatores, quando combinados, evidenciam que, apesar da força econômica do agronegócio brasileiro, persistem desafios estruturais que precisam ser enfrentados de forma integrada para garantir competitividade, eficiência e sustentabilidade no longo prazo.

6 O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO NA ATUALIDADE

O agronegócio brasileiro ocupa posição de destaque no cenário global em razão de sua elevada capacidade produtiva e do domínio em importantes cadeias exportadoras. O país lidera a produção e exportação de soja, café, açúcar, carnes e produtos florestais, e as projeções para 2025 indicam a possibilidade de uma safra recorde, impulsionada tanto pela expansão de áreas cultivadas

quanto por ganhos de produtividade. Essa performance reforça a importância do setor para a geração de divisas e para o equilíbrio da balança comercial, consolidando o Brasil como um dos principais fornecedores mundiais de alimentos.

O avanço tecnológico tem sido decisivo para o desempenho recente do agronegócio. Instituições como Embrapa e Senar desempenham papel central na disseminação de conhecimento técnico e inovação, estimulando a adoção de agricultura digital, drones, sensores, monitoramento climático, genética avançada e práticas alinhadas ao conceito de economia circular. Essas tecnologias não apenas aumentam a eficiência produtiva, mas também contribuem para a construção de um modelo agrícola mais sustentável, capaz de reduzir impactos ambientais e otimizar o uso de recursos naturais.

Do ponto de vista econômico e social, o setor possui forte capacidade de geração de empregos e promoção do desenvolvimento regional. A cadeia produtiva do agronegócio movimenta milhões de postos de trabalho formais, especialmente em estados altamente dependentes da atividade rural, como Mato Grosso, Goiás e Paraná. A interiorização da economia, a modernização de polos agroindustriais e o dinamismo dos agrosserviços contribuem para fortalecer economias locais e estimular investimentos em infraestrutura, educação e qualificação profissional.

Apesar dos avanços, o agronegócio brasileiro enfrenta desafios estruturais que podem limitar seu crescimento futuro. A dependência externa de insumos críticos, as pressões ambientais ligadas ao desmatamento e às exigências regulatórias internacionais, e a necessidade de agregar maior valor às exportações permanecem como entraves significativos. O setor também precisa conciliar expansão produtiva com práticas de sustentabilidade e mitigação climática, de forma a atender às demandas do mercado global e às expectativas da sociedade brasileira.

A relevância do agronegócio também se manifesta na dimensão da segurança alimentar. A recente redução da insegurança alimentar grave no país evidencia o papel estratégico do setor na oferta de alimentos e no abastecimento interno. Entretanto, manter esse avanço exige políticas públicas consistentes, estabilidade produtiva e manejo eficiente dos recursos naturais. Nesse cenário, o agronegócio se consolida como setor indispensável para o desenvolvimento econômico, mas dependente de planejamento, inovação e sustentabilidade para garantir sua permanência como força motriz da economia brasileira.

CONSIDERAÇÕES

A análise realizada demonstra que o agronegócio brasileiro é resultado direto de uma trajetória histórica marcada por ciclos econômicos voltados à exportação, dependência de commodities e forte influência de dinâmicas externas. Ao longo dos séculos, o setor evoluiu de atividades coloniais baseadas em açúcar, ouro, borracha e café para um complexo agroindustrial altamente tecnificado, que hoje ocupa posição central no PIB nacional, na geração de empregos e no superávit da balança comercial.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Os dados recentes evidenciam a expressiva participação do agronegócio no crescimento econômico do país, bem como sua relevância para a segurança alimentar e para a estabilidade macroeconômica. Entretanto, também revelam desafios persistentes: infraestrutura precária, elevada dependência de insumos importados, vulnerabilidade climática, volatilidade de preços, barreiras regulatórias internacionais e limitações no acesso ao crédito e ao seguro rural. Esses fatores mostram que, embora robusto, o setor permanece sensível a choques internos e externos.

Ao articular passado e presente, percebe-se que muitos dos entraves atuais têm raízes em estruturas históricas que ainda moldam a dinâmica produtiva. Assim, o futuro do agronegócio brasileiro dependerá da capacidade de ampliar investimentos em tecnologia, diversificar cadeias produtivas, fortalecer políticas públicas e adotar práticas sustentáveis que conciliem competitividade com preservação ambiental. O setor se mantém como um dos pilares da economia nacional, mas sua continuidade como motor de desenvolvimento exige estratégias de modernização, planejamento de longo prazo e maior integração entre produtividade, sustentabilidade e inclusão socioeconômica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marquezan. Setor agropecuário abre 35,7 mil empregos formais em janeiro. **Brasil61**, 2025. Disponível em: https://brasil61.com/n/setor-agropecuario-abre-35-7-mil-empregos-formais-em-janeiro-bras2513597. Acesso em: 26 jun. 2025.

BOSCHIERO, Beatriz Nastaro. Retrospectiva 2024 & perspectivas 2025 – agronegócio brasileiro. **AgroAdvance**, 2025. Disponível em: https://agroadvance.com.br/blog-retrospectiva-2024-perspectivas-2025-agronegocio-brasileiro/. Acesso em: 26 jun. 2025.

CARDOSO, Victor M.; GILIO, Leandro; JANK, Marcos S. Exportações e importações AGRO – histórico e balanço de 2024. São Paulo: **Insper Agro Global**, jan. 2025. Disponível em: https://agro.insper.edu.br/storage/papers/January2025/Exportacoes-e-Importacoes-AGRO-Historico-e-Balanco-de-2024.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

CARNEIRO, Lucianne. El Niño pesou na inflação de alimentos em 2024. **Instituto FoodZ (IFZ)**, 2025. Disponível em: https://ifz.org.br/el-nino-pesou-na-inflacao-de-alimentos-em-2024/. Acesso em: 22 jun. 2025.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA). **PIB do agronegócio fecha 2024 com crescimento de 1,81%**. 2025. Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/noticias/pib-do-agronegocio-fecha-2024-com-crescimento-de-1-81. Acesso em: 26 jun. 2025.

DE LIBERAL, Márcia Mello Costa. Celso Furtado e o Pensamento do Desenvolvimento: Herança, Crítica e Atualidade. **Revista Científica Acertte**, *[S. l.]*, v. 5, n. 8, p. e58257, 2025. DOI: 10.63026/acertte.v5i8.257.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

KONCHINSKI, Vinicius. Agricultura voltada à exportação transforma a comida em "vilã" da inflação no Brasil. **Brasil de Fato**, 21 fev. 2025. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2025/02/21/agricultura-voltada-a-exportacao-transforma-a-comida-em-vila-da-inflacao-no-brasil/. Acesso em: 22 jun. 2025.

LUCENA, André. Os itens básicos que mais encareceram para os brasileiros em 2024 – e o que explica essa alta. **Carta Capital**, 2025. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/economia/os-itens-basicos-que-mais-encareceram-para-os-brasileiros-em-2024-e-o-que-explica-essa-alta/. Acesso em: 26 jun. 2025.

LUCHIARI, Diogo. Os principais desafios para o agronegócio em 2025. **BrasilAgro**, 2025. Disponível em: https://www.brasilagro.com.br/conteudo/os-principais-desafios-para-o-agronegocio-em-2025.html. Acesso em: 24 jun. 2025.

MACHADO, Gabriel Costeira; ALMEIDA, Felipe Miranda de Souza. **Boletim MT Agro (2)**. Cepea – ESALQ/USP, 2024. Disponível em: https://www.cepea.org.br/upload/kceditor/files/Boletim%20MT%20Agro%20(2).pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

MACHADO, Gabriel Costeira; ALMEIDA, Felipe Miranda de Souza; SILVA, Adriana Ferreira; FACHINELLO, Arlei Luiz. **Boletim mercado de trabalho do agronegócio – 2º trimestre 2024**. CNA, 2024. Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/storage/arquivos/pdf/boletim-mercado-de-trabalho-do-agronegocio-2T2024.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

MACHADO, Gabriel Costeira; ALMEIDA, Felipe Miranda de Souza; SILVA, Adriana Ferreira; FACHINELLO, Arlei Luiz. **Agronegócio empregou 28,6 milhões de pessoas no segundo trimestre**. CNA, 2024. Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/noticias/agronegocio-empregou-28-6-milhoes-de-pessoas-no-segundo-trimestre. Acesso em: 26 jun. 2025.

NOGUEIRA, Pablo. Eventos climáticos não explicam alta no preço da alimentação em 2024, diz economista da Unesp. **Jornal da Unesp**, 30 jan. 2025. Disponível em: https://jornal.unesp.br/2025/01/30/eventos-climaticos-nao-explicam-alta-no-preco-da-alimentacao-em-2024-diz-economista-da-unesp/. Acesso em: 26 jun. 2025.

REHAGRO. **Agronegócio no Brasil: qual o seu papel e importância?** 2025. Disponível em: https://rehagro.com.br/blog/agronegocio-no-brasil-qual-o-seu-papel-e-importancia/. Acesso em: 26 jun. 2025.

REZENDE, César H. S. Preço dos alimentos subiu 162% nos últimos 12 anos – e a tendência de alta deve continuar. **Exame**, 2025. Disponível em: https://exame.com/agro/preco-dos-alimentos-subiu-162-nos-ultimos-12-anos-e-a-tendencia-de-alta-deve-continuar/. Acesso em: 26 jun. 2025.

SOUSA, Amanda dos Santos. Agronegócio inicia 2025 com maior saldo de empregos formais desde 2022. **Brasil61**, 2025. Disponível em: https://brasil61.com/n/agronegocio-inicia-2025-com-maior-saldo-de-empregos-formais-desde-2022-bras2514154. Acesso em: 26 jun. 2025.

TMA MÁQUINAS. **Agronegócio impulsiona geração de empregos no início de 2025**. 17 fev. 2025. Disponível em: https://tmamaquinas.com.br/2025/02/17/agronegocio-impulsiona-geracao-de-empregos-no-inicio-de-2025/. Acesso em: 26 jun. 2025.

TRUST INSIGHT. **O setor de agronegócio no Brasil: oportunidades e desafios em 2025**. 2025. Disponível em: https://www.trustinsight.com.br/2025/03/07/o-setor-de-agronegocio-no-brasil-oportunidades-e-desafios-em-2025/. Acesso em: 26 jun. 2025.

CENÁRIO RURAL. **Tendências & desafios do agronegócio 2025**. Disponível em: https://www.cenariorural.com.br/tendencias-desafios-agronegocio-2025/. Acesso em: 26 jun. 2025.